

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO¹

Paulino José Orso
Professor Doutor - UNIOESTE

PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS

A educação se constitui num dos principais bens da humanidade. Por ela, as gerações vão legando, umas às outras, as experiências, os conhecimentos, a cultura acumulada ao longo da história, permitindo tanto o acesso ao saber sistematizado, como a produção de bens necessários à satisfação das necessidades humanas. Contudo, por ser histórica, a educação não se faz sempre da mesma forma em todas as épocas e em todas as sociedades. Ela se faz de acordo com as condições possíveis em cada momento do processo de desenvolvimento social, histórico, cultural e econômico, ou seja, fazer educação pressupõe pensá-la e fazê-la numa perspectiva político-pedagógica. Isso significa compreender que a educação não é um trabalho que se executa meramente no interior de uma sala de aula, de uma escola, limitado à relação educador-educando. O ato pedagógico não é neutro: carrega implicações sociais, está marcado pela prática de todos os envolvidos no processo educativo e é mediado por relações sócio-históricas.

Compreendida a educação dessa forma, essa proposta pedagógica parte de determinados pressupostos. Baseando-se em Marx (1981), podemos afirmar que, o primeiro é o de que a realidade não é estática, pois se encontra em constante movimento, ou seja, está em constante devir, em constante vir a ser e que, portanto, tudo o que existe hoje não existiu, não existe e não existirá da mesma forma; o segundo é que é preciso estar vivo para fazer história, e quem faz a história é o próprio homem; o terceiro é que a base da sociedade está fundada no trabalho. Esses três pressupostos marcam a vida do homem e estabelecem seus limites e suas possibilidades.

¹ Neste documento são apresentados os pressupostos filosóficos da educação, que dizem respeito à concepção de homem, de sociedade e de educação, que devem nortear toda a prática educacional.

Obs. O texto a seguir foi extraído do Currículo Básico para as escolas públicas municipais da Região Oeste do Paraná, publicado em Cascavel, pela ASSOESTE, em 2007.

Quando falamos que a realidade não é sempre a mesma, que nada é eterno, que eterno é só o movimento, referimo-nos ao fato de que o primado encontra-se na matéria e não nas idéias. A matéria, por sua vez, não é algo inerte, fixo e imutável. Ela tem uma dinâmica interna própria. No seu processo de transformação, tomando como referência a teoria do *big bang*, ocorrido há cerca de 10 a 15 bilhões de anos, devido à ação e à interação de suas forças internas, a matéria continua passando por um processo de diferenciação. Com isso, ela vai transitando de algo informe para algo que assume determinadas formas.

Dessa dinâmica não se constituem apenas as coisas que vemos à nossa volta. Produz-se também o homem. Nessa perspectiva, o homem não se apresenta como um ser pronto e acabado, mas como um ser que é produzido pelo meio, pela própria natureza e que, à medida que vai sendo produzido, vai se sensibilizando em relação ao meio, vai conhecendo e adquirindo experiências que vão sendo acumuladas e transmitidas de uns aos outros, possibilitando a adaptação do meio às suas necessidades. Ou seja, o homem é um produto do meio que, em sendo produzido, passa a produzir o meio que o produz e em que se produz.

À medida que o homem é produzido, passa a agir sobre o meio para garantir sua sobrevivência. O homem, porém, diferencia-se dos demais seres vivos em função de que, para garantir sua sobrevivência, precisa trabalhar. O trabalho² se constitui na marca do homem, de tal forma que não dá para entendê-lo dissociado da noção de trabalho, bem como não é possível compreender o trabalho sem relacioná-lo ao homem. Trabalho significa dispêndio de energia, de sangue, de suor e de nervos humanos na produção dos bens (materiais e intelectuais) necessários à sua sobrevivência. Isso implica pensar que trabalho não se confunde apenas com trabalho manual, braçal e físico; significa que também podemos falar de trabalho imaterial ou intelectual, como veremos adiante. Trabalho, portanto, é uma condição existencial do homem. É por ele que o homem consegue produzir as coisas e os bens necessários à sua sobrevivência. Porém, importa superar a condição

2

. O termo vem de tripalium (ou trepalium), do Latim Tardio, um instrumento romano de tortura, uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão, onde eram supliciados os escravos. Reúne o elemento " tri" (três) e " palus" (pau) - literalmente, "três paus". Daí derivou-se o verbo tripaliare (ou trepaliare), que significava, inicialmente, torturar alguém no tripalium, o que fazia do "trabalhador" um carrasco, e não a vítima de hoje em dia. Site Cláudio Moreno - www.sua.lingua.com.br, acessado em 02 de maio de 2006.

de alienação³ à qual o trabalho está submetido.

A categoria trabalho é compreendida aqui, na perspectiva marxista, como sendo a atividade consciente e planejada pela qual o ser humano, ao mesmo tempo em que extrai da natureza os bens capazes de satisfazer as suas necessidades de sobrevivência, cria as bases de sua realidade sociocultural e produz-se a si mesmo, desenvolvendo as capacidades superiores que o diferenciam dos outros animais.

Como dissemos, o homem não nasce pronto e acabado, ou seja, não aparece da forma como o conhecemos hoje. À medida que passa a interagir com a natureza, adquire experiências e conhecimentos, desenvolve seu cérebro que, simultaneamente, lhe permite enfrentar e resolver desafios cada vez mais exigentes e complexos. Com isso, não apenas desenvolve sua capacidade cognitiva, como também adquire a capacidade de produzir instrumentos e bens cada vez mais aperfeiçoados, atendendo às crescentes e diversificadas necessidades de cada momento. Portanto, à medida que o homem vai interagindo com o meio, também vai sendo transformado, vai sendo produzido como homem, vai humanizando a natureza, acumulando conhecimentos, produzindo novos instrumentos e transformando o meio. Isto é, o homem vai se hominizando pelo trabalho.

Se o pressuposto fundamental de toda a matéria viva, e em especial do ser humano, é estar vivo, ele precisa satisfazer algumas necessidades básicas, tais como comer, vestir, beber, morar e algumas (infinitas) coisas mais. Todavia, não consegue essas coisas da mesma forma que os outros seres vivos; o homem precisa trabalhar, e o faz sobre os meios de produção, isto é, sobre a terra, as fábricas, a escola, dentre outras. Não o faz sempre da mesma forma, mas de acordo com o estágio de desenvolvimento das forças produtivas materiais, ou seja, de acordo com o grau de desenvolvimento cognitivo, da ciência e da habilidade técnica. Além disso, a produção dos bens necessários à sobrevivência não ocorre de forma individual, pois não conseguimos produzir sozinhos e isolados todos os bens de que necessitamos para viver. Fazemo-lo socialmente. De acordo com Marx (1983), os homens se definem pelo trabalho.

3

. Com base em Marx (1963), entendemos que alienado significa ser alheio, ser de outro, pertencente a outro. Isso decorre do fato de que na produção da vida material o trabalhador tem de vender sua força de trabalho para sobreviver, isto é, ter de entregar seu controle a outro. Em consequência disso, sua consciência também passa a expressar os interesses e a consciência de outro, ou seja, a ser alienada.

A característica dos meios de produção também determina as relações sociais que os homens estabelecem entre si. Se os meios de produção forem privados, teremos um determinado tipo de relações sociais de produção, qual seja, de dominação e de exploração; se os meios forem coletivos, não teremos necessidade desse tipo de relação, mas sim de colaboração e de ajuda mútua.

Isso tudo determina o modo de produção da vida social, que é a forma como os homens se organizam numa determinada sociedade e numa determinada época, para garantir a produção dos bens necessários à sobrevivência. Ao longo da história, temos os modos de produção antigo, escravista, feudal, capitalista e algumas tentativas de se implantar o socialismo⁴. Desde a Antigüidade até nossos dias, como nos diz Karl Marx, a história tem sido a história das lutas de classes, quer seja entre senhores e escravos, entre servos e suseranos, entre patrões e proletários, ora aberta e franca, ora difusa e dissimulada.

Como dissemos, desde o surgimento da propriedade privada e dos meios de produção, até o momento atual, a organização da sociedade permanece fundada nas classes e nas lutas de classes. Hoje, ainda que a sociedade tenha algumas características dos diferentes modos de produção, apresenta-se hegemonicamente sob a forma capitalista, cujo centro é o capital e o lucro. Isso, inclusive, tem marcado o próprio conhecimento e a educação.

O conhecimento é um bem necessário e fundamental à produção da sobrevivência, que depende deste e o produz. Contudo, ele não é uma propriedade exclusiva do homem; é um atributo de toda a matéria viva organizada. Todos os seres vivos conhecem, ainda que nem todos o façam da mesma forma, nas mesmas condições e do mesmo modo. Todavia, o homem atinge um grau de desenvolvimento maior do conhecimento, iniciando seu processo por meio dos sentidos e acumulando experiências, sendo capaz de realizar abstrações e de organizar o pensamento, chegando ao nível do conhecimento científico e metódico, possibilitando utilizar esse instrumento como ação de transformação intencional sobre o mundo.

4

. Conforme Orso (2002), socialismo é um processo de transição em que o Estado se apropria dos bens e os coloca a serviço do coletivo, caminhando progressivamente para a superação, tanto da propriedade como do Estado, em direção à eliminação das classes e à implementação da auto-gestão do trabalho, em que os próprios produtores tomam para si a responsabilidade de gerir seus destinos, para construir a sociedade comunista.

À medida que o homem vai interagindo com a natureza, ela deixa de ser a determinante absoluta da realidade; o homem deixa de ser simplesmente determinado, para ser também determinante. Assim, a natureza, ao mesmo tempo em que é agente, transforma-se em objeto. O homem passa a se apropriar da natureza e expressa essa relação por meio da linguagem, nas suas diversas formas. A linguagem assume o papel de mediadora da produção e da apropriação de conhecimento; mediadora da transformação material e social.

Mas, se dissemos que o conhecimento é uma propriedade de toda matéria viva, em que consiste, afinal, o conhecimento? Conhecimento não se confunde simplesmente com idéia, pensamento e razão; é a capacidade que toda matéria viva tem de se sensibilizar em relação aos estímulos do meio e de reagir a eles dando respostas necessárias à satisfação de suas necessidades, garantindo a sobrevivência. Cada ser o faz de acordo com suas condições e de acordo com o nível de seu desenvolvimento. O homem constrói o conhecimento a partir das suas condições materiais.

Como a matéria se transforma o tempo todo, o conhecimento também se constitui num processo contínuo e permanente de transformação. As idéias, as teorias, as respostas que o homem elabora são sempre provisórias porque respondem aos desafios de cada momento e, portanto, revelam-se incompletas, exigindo novas pesquisas e investigações que permitam responder aos novos desafios impostos pela sobrevivência. Diferente do conhecimento que é uma propriedade de toda matéria viva, a educação é um atributo exclusivo da sociedade humana. Nesse caso, não é possível pensar o ser humano sem a educação, nem a educação sem o homem. Todavia, a educação não se resume à educação formal, escolar. A escola é apenas um dos lugares onde se educa. A rua educa, a igreja educa, a família educa, no trabalho se educa, o desemprego educa. Existem muitas outras formas de educação, as quais podemos chamar de educação não formal ou informal. Mas, afinal de contas, em que consiste a educação? Educação é a forma como a sociedade prepara os indivíduos para viverem nela mesma. Aqui também podemos afirmar que a educação não ocorre sempre da mesma forma; em cada época e em cada sociedade os homens se educam de uma determinada forma, mediada pelo estágio de desenvolvimento das forças produtivas, pelo

modo e pelas relações de produção em que se insere.

A educação formal, escolar, nem sempre existiu. A escola, instituída na sociedade de classes, carrega a marca desta sociedade. Assim, a educação não pode ser compreendida nela e por ela mesma. Precisa ser compreendida tomando-se em consideração o conjunto das relações nas quais ela está inserida. Apesar de atribuírem à escola a responsabilidade pela solução de praticamente todos os problemas sociais, e de fazerem dela a responsável pelo sucesso ou pelo fracasso social dos indivíduos, ela é mais determinada do que determinante social; apesar de muitos problemas se fazerem sentir no interior da escola, ela não é absoluta, não é autônoma, atua no campo do conhecimento e das idéias, portanto, não tem poderes materiais suficientes para alterar o conjunto da realidade. Ela é “parte” da sociedade e não a própria sociedade; insere-se como um dos espaços educativos que compõem a sociedade. Entretanto, ela se constitui num espaço de contradição e atua no âmbito do trabalho não material. Mas à medida que as idéias e análises construídas no âmbito das relações sociais se difundem nas coletividades, elas podem se transformar num poder material e transformador.

Tendo presente que a sociedade em que vivemos constitui-se, desde a Antigüidade até os dias atuais, numa sociedade fundada sobre a propriedade privada dos meios de produção, está radicada na sociedade de classes e, em decorrência disso, baseia-se nas lutas de classes, na exploração, na dominação, na competição e na concorrência, cabe-nos, enquanto educadores, fazer da educação um instrumento de compreensão, de interpretação e de explicação e desvelamento da História; um instrumento de apropriação, de produção e de socialização do conhecimento; um instrumento de compreensão, apreensão e transformação da realidade.

A partir da divisão da sociedade em classes, desaparece a possibilidade de o conhecimento e os produtos do trabalho estarem voltados para o bem-estar e para a satisfação dos interesses universais, comuns a todos os homens. As classes economicamente dominantes também se apresentam dominantes do ponto de vista ideológico e espiritual. Em função disso, escamoteiam as contradições e os antagonismos sociais, e apresentam os seus interesses parciais e de classes, como expressão natural do interesse universal. Além disso, apoderam-se dos aparatos burocráticos, legais, bélicos,

militares e midiáticos; utilizam-se do Estado e dos aparelhos repressivos para controlar, inibir as tentativas de mudança dessa ordem social, ou seja, para garantir a reprodução do *status quo*. Diante disso, procuram deslocar os pólos de conflito e o centro das preocupações do âmbito das relações materiais concretas para o campo das idéias e da formalidade e, ao invés de reconhecerem o motor da história como sendo as lutas de classes, simplificam e apresentam a educação como fator central e determinante.

Tendo presente que os homens não se entendem e não se explicam por si mesmos, que não são as idéias e a vontade que, em última instância, determinam a consciência, mas que, ao contrário disso, é o ser social que a determina, então importa produzir novas circunstâncias, o que exige também a construção de um novo ser social, se quisermos construir um novo homem, em que os interesses de caráter universal realmente expressem os interesses de todos os homens, e não os interesses de uma parcela deles, a dos privilegiados.

Sabemos, ao contrário do que dizem os ideólogos da burguesia⁵, que a educação não é tudo, não é absoluta, que ela trabalha fundamentalmente com as idéias. Por isso, seu poder é limitado quando se trata de transformar o mundo. Em função disso, não significa que podemos descuidar dos pressupostos, das concepções e dos fundamentos teórico-metodológicos que embasam a prática educacional. Ao contrário disso, as idéias têm um valor importantíssimo. Segundo Marx (1983), a teoria também se transforma em uma força material quando se apodera das massas. Portanto, trata-se de, em adotando um princípio metodológico, nesse caso, o materialismo histórico dialético, desmistificar as relações sócio-históricas, as ideologias e as representações de mundo burguesas, e contribuir para sua transformação. Pretende-se que a educação seja mediadora nesse sentido; que seja mediadora em relação à emancipação. Ressaltamos, porém, que não se trata apenas de fazer re-arranjos formais, de tornar a sociedade e as relações democráticas e transparentes, de defender a “ética” presente na sociedade capitalista, ou de promover reformas nas leis e de emancipar politicamente, mas sim de construir uma sociedade baseada na autogestão, uma sociedade

5

Aqueles que desenvolvem as justificativas sociais, políticas, econômicas e o ideário burguês.

de produtores, e de possibilitar a emancipação humana.

Os homens, parafraseando Marx, fazem a história, mas não a fazem como querem; a fazem nas condições em que se encontram. Entretanto, se a fazem de um determinado modo, também podem fazê-la de outro. Quando falamos que a educação é a forma como a sociedade prepara o homem para viver nela mesma, não quer dizer que deve se limitar a adaptar e a adequar os educandos à sociedade. Compreendendo que a sociedade é uma sociedade de classes, que os profissionais da educação, assim como os demais trabalhadores integram a classe proletária, cabe a estes contribuir para desmistificar e para conhecer a sociedade e a condição em que se encontram; importa superar a alienação e a própria divisão da sociedade em classes. A educação que temos hoje é a expressão das contradições da sociedade em que vivemos. Nesse sentido, segundo Orso (2002), trata-se de lutar pela educação, mas não apenas por ela; trata-se de lutar também pela transformação da sociedade na qual ela está inserida.